

GOVERNO LULA

Pressionada, a bancada do PMDB reuniu-se, mas resolveu adiar a decisão sobre quem presidirá o Senado. Hoje, Sarney começará a tentar construir internamente o apoio que já tem no PT e nos demais partidos

Rudolfo Lago

Da equipe do do **Correio**

O senador Renan Calheiros (AL) caminhava para o gabinete da Liderança do PMDB no Senado quando seu celular tocou. Eram 10h30 da manhã e Renan preparava-se para dar início à reunião da bancada, convocada para escolher, entre ele e o senador José Sarney (AP), quem seria o candidato do partido à presidência do Senado. Era o ministro da Casa Civil, José Dirceu, quem telefonava. Ele tinha acabado de ser informado pelo futuro líder do governo na Câmara, Aldo Rebelo (PCdoB-SP), que haveria quórum para a reunião. Uma informação que surpreendia e preocupava Dirceu. O ministro queria saber como Renan conduziria a reunião.

“Não se preocupe. Eu vou conduzir tudo com equilíbrio. Não quero nem nunca quis confronto”, respondeu Renan. Cerca de meia hora depois, Renan abriu a reunião. E, de saída, decidiu que ela não deveria decidir nada. Na presença de 12 senadores, o líder do PMDB e candidato à presidência do Senado contra Sarney, adiou para o dia 31 de janeiro, às 14 horas, a reunião da bancada.

Alguns senadores interpretaram que assistiam ali ao *canto de cisne* da candidatura de Renan. Ele tinha conseguido o quórum mínimo para ser escolhido o candidato. Mas sabia que, caso isso acontecesse, perderia no plenário. Pelas contas do PT, Sarney teria, numa disputa com Renan, pelo menos 51 dos 81 votos dos senadores em plenário. E, dentro do próprio PMDB, oito votos. Ou seja, o partido sairia da disputa completamente rachado.

O quórum obtido, no entanto, abria a possibilidade de uma saída honrosa para Renan Calheiros. O mantinha como um dos personagens a ser ouvido na negociação sobre a presidência do Senado. E mantinha, principalmente, o próprio PMDB nessa negociação. Durante toda a quarta-feira o governo trabalhou ostensivamente para esvaziar a reunião marcada por Renan. Se isso ocorresse, o PMDB estaria cedendo completamente à vontade do Palácio do Planalto.

O adiamento da votação na bancada foi uma decisão construída ao longo da madrugada na casa do presidente do Senado, Ramez Tebet (MS). A ideia do adiamento foi apresentada pelo senador Gilberto Mestrinho (AM). “Se queremos preservar o partido, vamos fazer a reunião e não deliberar nada”, ponderou. “Assim, nós demonstraremos que não cede-

mos à pressão do governo, mas que também não queremos guerra. E abrimos espaço para uma solução negociada”. Renan ainda resistiu à ideia, mas acabou cedendo.

Pela manhã, 12 senadores compareceram à reunião mar-

cada. Os senadores Alberto Silva (PI) e Hélio Costa (MG) mandaram representantes. “De que me adianta ser o candidato dos 12 apóstolos?”, perguntou Renan. “A nossa tarefa não é escolher um candidato, e sim um presidente do Senado”.

JOGO BRUTO

A impressão geral dos 12 senadores peemedebistas que se reuniram ontem em Brasília é de que o adiamento da decisão é, de certa forma, uma tripla derrota. Difícilmente Renan poderá manter-se candidato.

Mas Sarney, mesmo mais viável no plenário, fica agora obrigado a construir também internamente a sua candidatura. Quanto ao governo, expôs-se no jogo bruto do varejo político e não alcançou seu objetivo: a reunião que queria esvaziar aconteceu.

Rolo compressor do Planalto atropela Renan

Roberto Castro/AE



RENAN ESTEVE COM 12 DOS 20 PARLAMENTARES QUE VÃO ESCOLHER O CANDIDATO DO PMDB À PRESIDÊNCIA DO SENADO: GOVERNO TENTA EMPLACAR SARNEY

“O VELHO PT QUE EU CONHECIA E COM O QUAL ESTAVA ACOSTUMADO ERA DIFERENTE. ESSE NOVO, EU NÃO RECONHEÇO. ESTOU SURPRESO, MUITO SURPRESO”

PEDRO SIMON, senador (PMDB-RS)

A violência da intervenção do Palácio do Planalto assustou os peemedebistas. “Soube que o senhor tem um problema no Refis”, disse José Dirceu na conversa que teve com o senador Waldir Amaral (DF). O Refis é o programa de refinanciamento de dívidas de empresários com a Receita Federal. Amaral estava na quota de votos de Renan Calheiros. Depois da conversa com Dirceu, não compareceu à reunião de ontem. “Eu não recebi um convite. Recebi uma convocação ao Palácio do Planalto. Fui lá e disse que meu voto era para Renan”, conta o senador Juvêncio da Fonseca (MS). “O velho PT que eu conhecia e com o qual estava acostumado era diferente. Esse novo, eu não reconheço. Estou surpreso, muito surpreso”, disse o senador Pedro Simon (RS).

A surpresa de ver a reunião acontecer fez o governo rever sua estratégia. À tarde, depois do telefonema de Dirceu, os líderes do PT e do governo no Senado foram pessoalmente prestigiar Renan Calheiros. “Iremos respeitar a decisão da bancada do PMDB. Sempre defendi isso no PT”, disse, constrangido, o líder do PT no Senado, Eduardo Suplicy (SP). “A atitude de Renan foi muito positiva. O país precisa agora de unidade”, emendou o futuro líder do governo no Senado, Aloizio Mercadante (SP). Hoje, às 11h, Renan terá um encontro com José Dirceu no Palácio do Planalto.

Na avaliação de quatro dos 20 senadores que estiveram ontem na reunião, Renan não terá mais condições de sustentar por muito tempo a sua candidatura. Acabará desistindo. Hoje, na Paraíba, Sarney começará a trabalhar para obter no PMDB o aval que já tem do PT, do governo e do restante dos senadores. Lá, ocorrerá uma reunião do grupo peemedebista mais afinado com Lula, que prega uma profunda modificação na direção do partido, integrada por representantes do grupo que levou o PMDB a unir-se à candidatura derrotada de José Serra, do PSDB. “Eu sou o candidato da unidade”, disse Sarney, antes de embarcar, no hangar da TAM, no aeroporto de Brasília, rumo a João Pessoa.

A vitória de Sarney na briga com Renan, no entanto, ainda não está assegurada. Dos senadores que estavam ontem em Brasília, apenas Simon deve ir a João Pessoa. Mesmo assim, como um emissário do grupo de Renan Calheiros. Sarney, portanto, ainda é minoria na bancada. A ideia de que possa ser construída uma terceira alternativa não era descartada. Nem mesmo por José Dirceu. “Cabe ao PMDB construir uma saída”, disse ele, ontem à noite.